

10 réis—Lisboa e províncias—10 réis

Anno 1.º—N.º 2

Suplemento de Caricaturas

A Marselheza

LISBOA, 5 DE DEZEMBRO DE 1897

Caricaturas de LEAL DA CAMARA

O Suplemento d' 'A Marselheza' é o
jornal de maior circulação... em
todo o Governo Civil.

O CHEFE DO ESTADO EM PORTUGAL



OLARÉ QUEM BRINCA!

Patriotismo d'almanak e iberismo de convicção

Heroico, cheio de brio e atestadinho de odios avinagrados e antigos ao leão de Castella, capaz de mil aljubarrotas e de meia duzia de montescclaros, o patriotismo nacional, ávido de traduzir a au-lacia e a sinceridade d'esses sentimentos em semifuzas e luminarias, festejou esta semana com o classico escarceu de philarmonicas e foguetes, a data memoravel do 1.º de Dezembro.

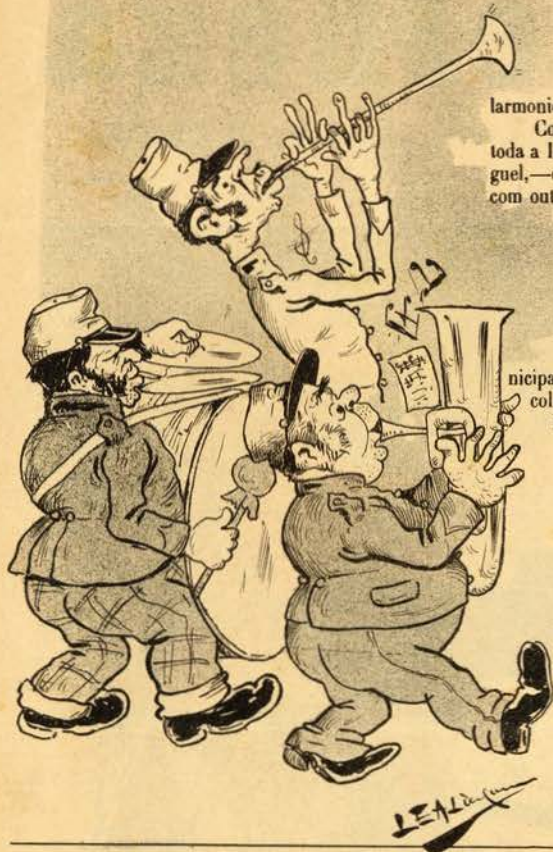
Como todos os annos, é claro, o patriotismo nacional teria comido os figados de toda a Iberia e feito em cabid-la todos os Vasconcellos das suas relações desde o Miguel,—o historico, até ao d'Abreu, o sabio, se em capitulo de traidores tivesse topado com outros além d'estes



que, não tendo Vasconcellos no apellido, tem a pecha da municipal a guardar-lhes as costas e, se a Iberia, arrependida e submissa não tivesse collaborado na festa, já tocando zabumba, já accendendo os balões, já fazendo bicha, em torno do monumento dos Restauradores, na pessoa das varias Conchas, Lolas e Consuelos do Arco do Bandeira e Rua Larga de S. Roque.

E como todos os annos, é claro, rachados os figes, arrombadas as zabumbas, derretido o ultimo cebo das illuminações, o patriotismo nacional, na piugada dos iberismos do Magalhães Lima, foi ao Martinho pedir um café ao Valentim, foi ao «D. Amélia» ouvir a zarzuela, foi ao Campo Pequeno ver o Guerrita, foi p'ra porta do Monaco a dar encontros ás hespanholas, a chupar com delicia o fumo azulado d'um havano.

Porque na verdade, se todos nós temos como obrigação civica o indignar-nos contra a Hespanha, uma vez cada anno, quando chega o 1.º de Dezembro, e se nada poderia impellar de dar pinchos de indignação e irros de protesto ao desarrolhar, n'essa data, o garrafão da nossa independencia, nada nos poderia tambem impellar de, escorropichalo o ultimo deciletro patriótico, retirarmo nos prazenteiros e alirações aos nossos habitos, ás nossas tendencias e aos nossos prazeres, desde o chapéu Mazzantini do chefe do Estado até ás beijocas repenicas da Andaluzia de S. Roque.



A GRANDE MAGICA

— * * * —



Augusto José da Cunha

Este homem velho tresúa em problemas campesinos... E ao vêr que o nabal mingúa crava olhos meigos na lua que faz crescer os pipinos.

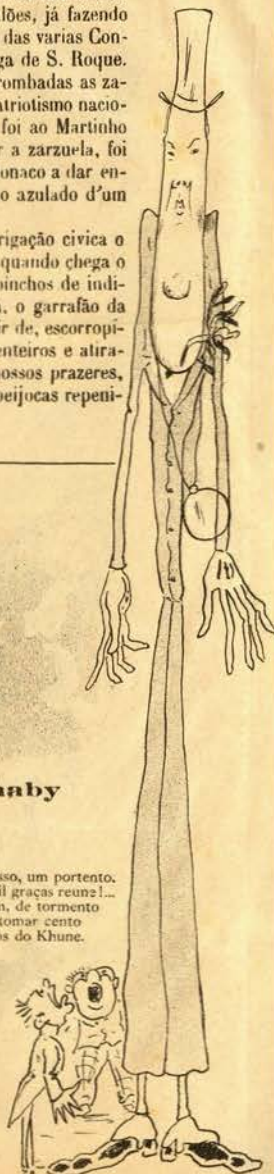


Chaby

Eis um colosso, um portento, que em si mil graças reúne!... Cheio, porem, de tormento sugeita se a tomar cento de semicupios do Khune.

Depois de muitas lavagens, de lavapés, esta visto l de ingerir mil beberragens diminuiu as cartilagens e fica tornado n'isto!

RKI DA THOÇA.



Viagem e aventuras de um flamengo pobre ao paiz dos Bakokos

Pelo principio de que era necessario ter graça n'esta hora de tristezas, não escreveriamos uma linha n'este semanario, menos destinado a fazer rir do que a fazer pensar.

Ma' por muito pouca graça que tenhamos, somos irremediavelmente levados a ter alguma, desde que se nos deparam factos como este :

Burnay, o Thiers da bancarrota, trouxe de Paris, para a mulher de um dos ministros, um phonographo!

Esta idéa de ao mesmo tempo vender um paiz e comprar um phonographo, só podia occorrer ao Burnay e porque a idéa em si tem immensissima graça, aqui a expomos ao bom humor dos nossos leitores, seguros de que elles nos farão a justiça de acreditar que não a inventámos.



Que já o Burnay em si tem graça ás pilhas.

Pois não é infinitamente engraçado um patusco de origem incerta que se lembra um dia de tomar por sua conta um paiz e fazer d'elle e n'elle tudo o que lhe passa pela fertil imaginação — desde companhias de americanos até centenarios de santos ?

Isto, onde se viu ?

Nas operetas e nos romances.

Na vida, raramente, com excepção das ilhas Sandwich e do Haiti, onde se tem visto moços de fretes chegarem a presidentes de conselho e pintarem o diabo.

A anedocta d'este Henry Burnay, que tendo vindo ninguem sabe d'onde, chega a conde e a marquez e acaba por nos vender a todos n'um lote, ainda hade dar assumpto para uma novella de aventuras á Fenimore Cooper, no genero d'aquellas que os editores costumam fazer illustrar a côres para creanças.



Burnay naufraga, como Robinson e vae ter a uma ilha deserta 1.º Capitulo



2.º Capitulo.— Com o auxilio d'um selvagem que se lhe affecioa e que elle baptisa com o nome de John, Burnay construe uma cabana á beira d'um grande rio.



3.º Capitulo.— Burnay domestica uma cabrinha, da qual extrahete leite, com o qual fabrica queijos. Principio da fortuna de Burnay.



4.º Capitulo.— Burnay construe o primeiro lenho e organisa a primeira companhia de tabacos.



Surpreza dos selvagens, predominio de Burnay. Burnay assenhoreia-se da ilha.



5.º Capitulo.— Triunpho de Burnay. Primeira visita de mercadores estrangeiros. Burnay institue o contrabando e promulga as tigellinhas de côres.



6.º Capitulo.— Burnay desposa a primogenita do soberano da ilha, recebe o titulo de conde e dá um baile de beneficencia.



7.º e ultimo capitulo — Burnay vende a ilha.

Uma novella assim poderia, por exemplo, intitular-se : **Viagem e aventuras d'um flamengo pobre ao paiz dos bakokos.**

A chroma, era um negocio tão tentador que não duvidamos que o proprio Burnay se tente.

Depois de passar a vida a vender os outros, é até certo ponto logico que acabe por se vender a si.

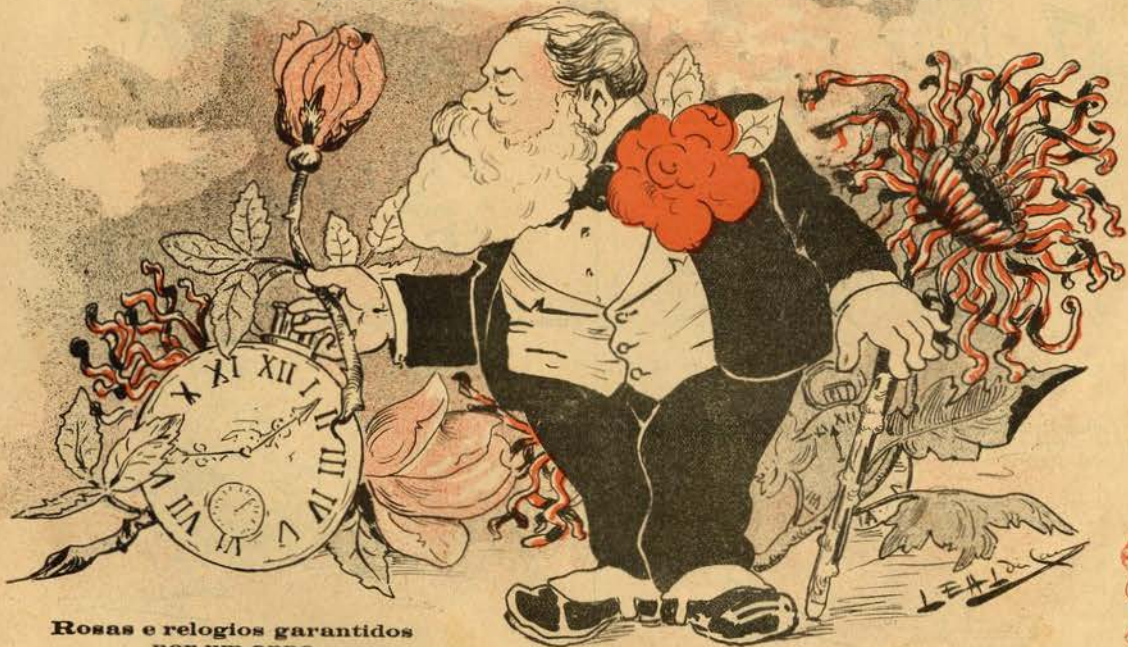
LEALDA

Como a administração estrangeira entrará em Portugal



Ao contrário do que muita gente imagina, a Administração Estrangeira não entrará em Portugal com armas e bagagens, mas simplesmente com bagagens.

LISBOA NA RUA



Rosas e relógios garantidos por um anno